

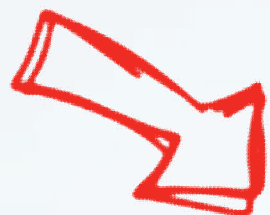
Pirotecnias:

Murilo Rubião

1000 anos



Pirotecnias: Murilo Rubião, 100 anos



// mesmo à margem da vida,
ainda vivo, porque a minha
existência se transmudou. //

Murilo Rubião, O pirotécnico Zacarias

A exposição *Pirotecnias: Murilo Rubião, 100 anos* é uma homenagem que a Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais presta ao contista mineiro Murilo Rubião (1916-1991). Considerado a maior expressão do realismo fantástico em língua portuguesa, o autor de *O pirotécnico Zacarias* teria completado 100 anos em 1º de junho de 2016.

→ A ideia é convidar o espectador a um percurso pela trajetória do autor de *O ex-mágico*: o escritor, o homem público, além de apresentar aspectos da ficção rubiana (des)conhecidos.

Para compor esse panorama evocativo, foram articuladas cartas, fotografias, capas de diferentes edições dos livros do escritor, manuscritos e rascunhos corrigidos pelo escritor. As fotografias e os originais de manuscritos pertencem ao arquivo pessoal de Murilo Rubião, sob a guarda do Acervo de Escritores Mineiros, situado na UFMG, em Belo Horizonte.

O que se busca, com esta exposição, é entregar um convite em que se informam apenas alguns detalhes, tal como aquele recebido pelo protagonista do conto *O Convidado*, de Murilo Rubião. Espera-se que o espectador, após percorrer a exposição, aceite esta convocação e se sinta estimulado a (re)ler a ficção do contista com outros olhares.

**Cleber Cabral
CURADOR**

1

Pirotecnias: Murilo Rubião, 100 anos



Biografia

Murilo Eugênio Rubião

(1916-1991) nasceu em Silvestre Ferraz (atual Carmo de Minas), Minas Gerais, descendente de uma família de escritores – entre eles, seu pai, Eugênio Rubião, e seu tio, Godofredo Rangel. Mudou-se para Belo Horizonte em 1923, onde concluiu o primário no Grupo Escolar Afonso Pena, o ginásio no Colégio Arnaldo e o curso de Direito na Universidade de Minas Gerais em 1942.



Murilo Rubião em sua residência, ao lado de porta-retrato do escritor quando bebê. BH, 1991.

Advogado, funcionário público e jornalista, trabalhou em diversos jornais e revistas de Belo Horizonte. Além de ter atuado como chefe de gabinete de Juscelino Kubitschek quando este foi Governador de Minas Gerais, Murilo Rubião também exerceu diversos cargos importantes na administração pública, tais como a direção: da Rádio Inconfidência de Minas Gerais, da Imprensa Oficial de Minas Gerais e da Escola de Belas Artes de Belo Horizonte (Escola Guignard), além de ter sido diretor da Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP), da qual foi um dos fundadores.

Outra importante realização de Rubião foi criar o Suplemento Literário de Minas Gerais, que até os dias de hoje é tido como um dos melhores órgãos da imprensa cultural do Brasil, sendo reconhecido internacionalmente. Em suas páginas, foram editados trabalhos de Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Clarice Lispector, Mário de Andrade, Julio Cortázar, entre outros grandes nomes da literatura brasileira e estrangeira.

Rubião estreou na literatura em 1947 com o livro *O ex-mágico* – considerado obra-prima do realismo fantástico. E, ao longo de sua carreira, produziu uma obra que, apesar de pequena (constituída por 33 contos publicados em livros), é vista, ainda hoje, como uma das mais importantes da literatura brasileira.

2

Pirotecnias: Murilo Rubião, 100 anos

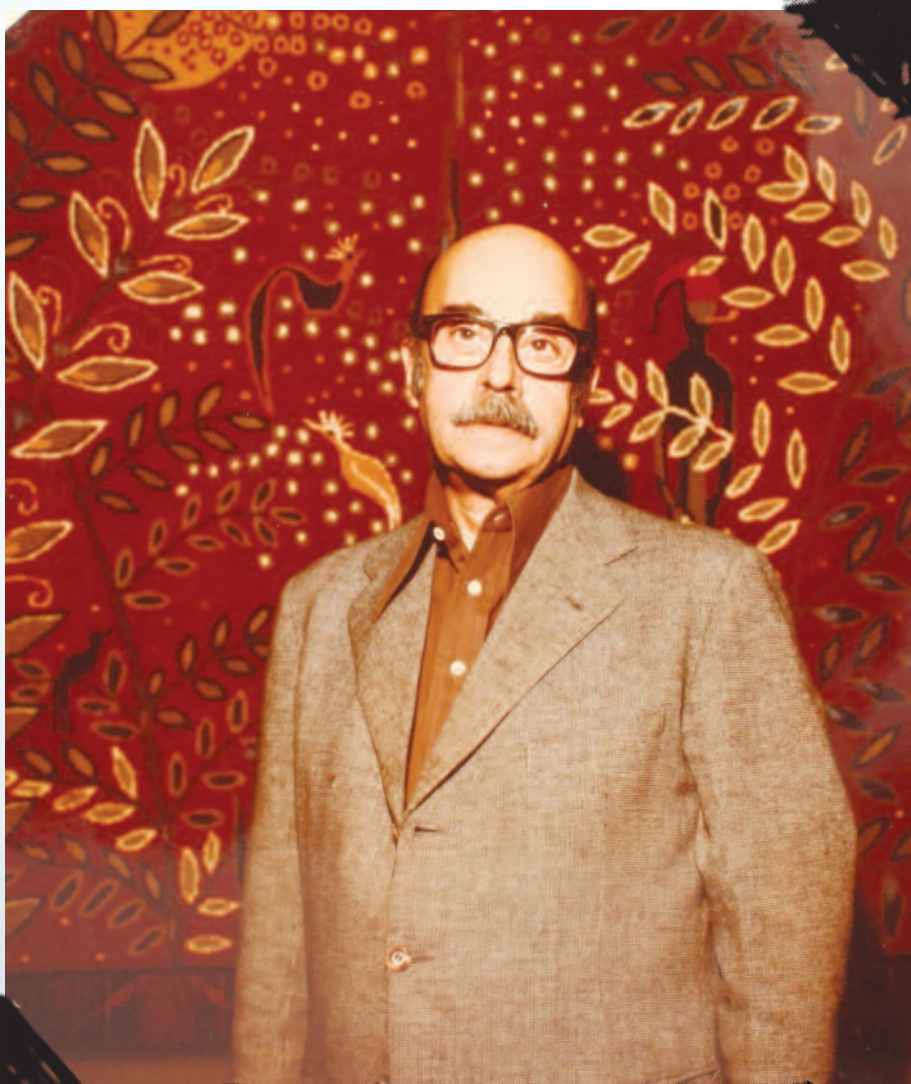


Realismo fantástico, o insólito

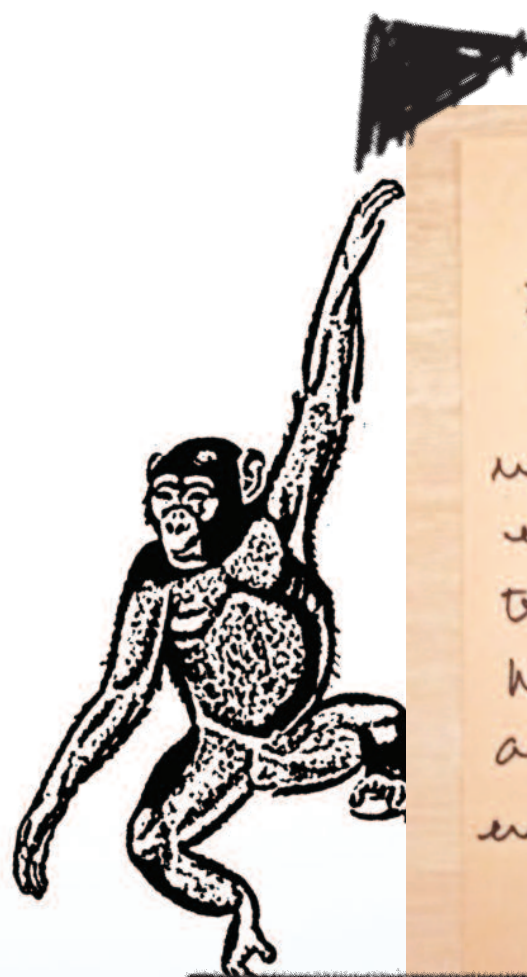
A literatura de Murilo Rubião surpreende de várias maneiras. Em suas narrativas, humanos se transformam em nuvens e em animais, prédios de infinitos andares são construídos, um canguru diz ser um homem. Dessa mescla de acontecimentos inesperados, personagens incomuns e situações cotidianas, cria-se o chamado realismo fantástico. Ao adotar esse recurso narrativo, Rubião visa a provocar sensações de dúvida e de estranhamento, fazendo com que repensemos a realidade à nossa volta. Tal como um personagem de “Teleco, o coelhinho”, ao lermos os contos rubianos, perguntamo-nos: “O senhor viu o que eu vi?”

“ Sou um sujeito que acredita no que está além da rotina. Nunca me espanto com o sobrenatural, com o mágico. E isso tudo aliado a uma sedução profunda pelo sonho, pela atmosfera onírica das coisas. Quem não acredita no mistério não faz literatura fantástica.”

Murilo Rubião, entrevista publicada em *O pirotécnico Zacarias*, Ed. Ática, 1986



Murilo Rubião. BH,
Maio de 1977.



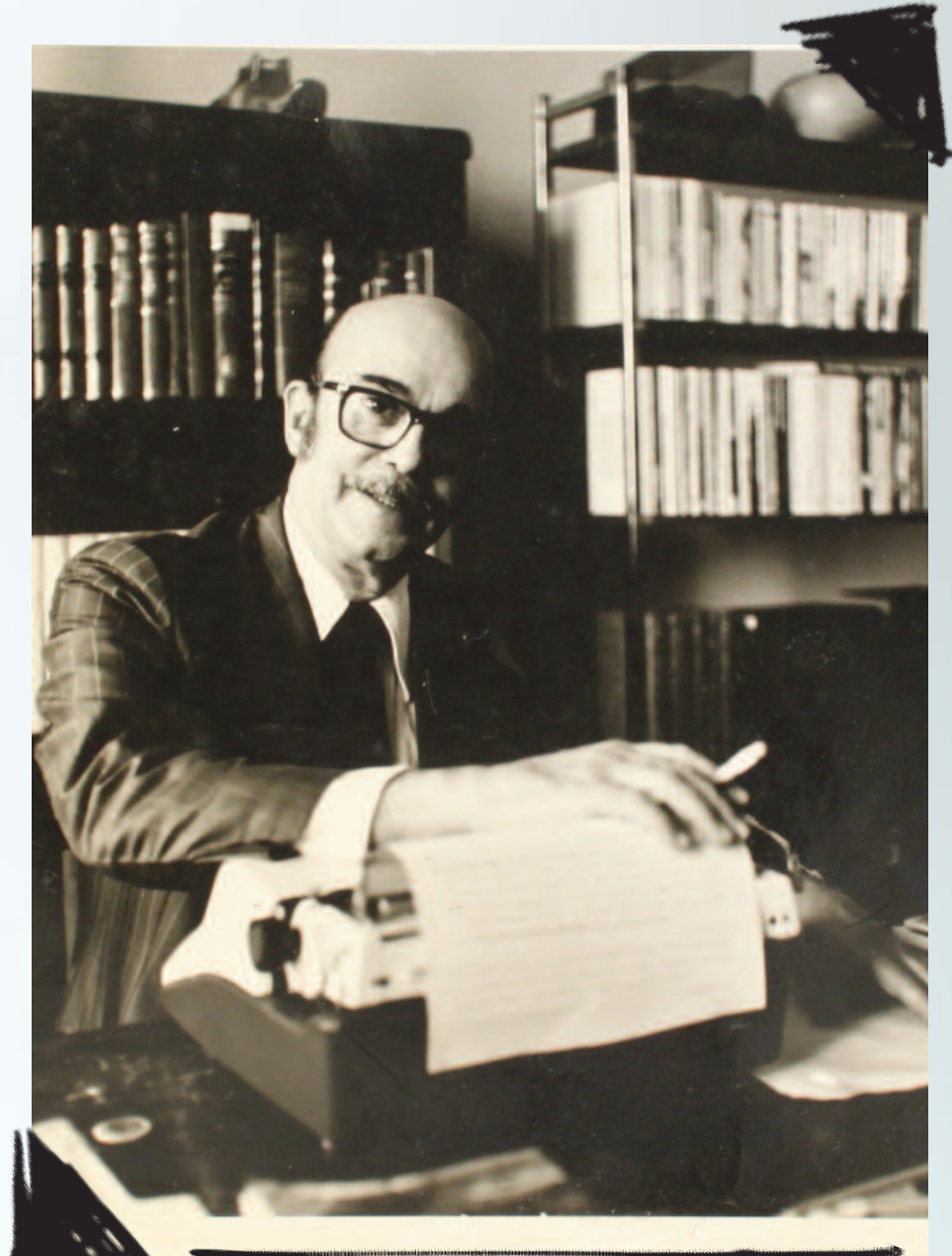
História dos macacos
Final:
Cem anos depois aparece
um cientista-macaco
e descobre remanescentes
de uma tribo de
homens e começa a estudar
a evolução dos homens
em macacos

Manuscrito da narrativa “História dos macacos” sem data. No texto, lê-se: “Final: Cem anos depois aparece um cientista-macaco e descobre remanescentes de uma tribo de homens e começa a estudar a evolução dos homens em macacos”.

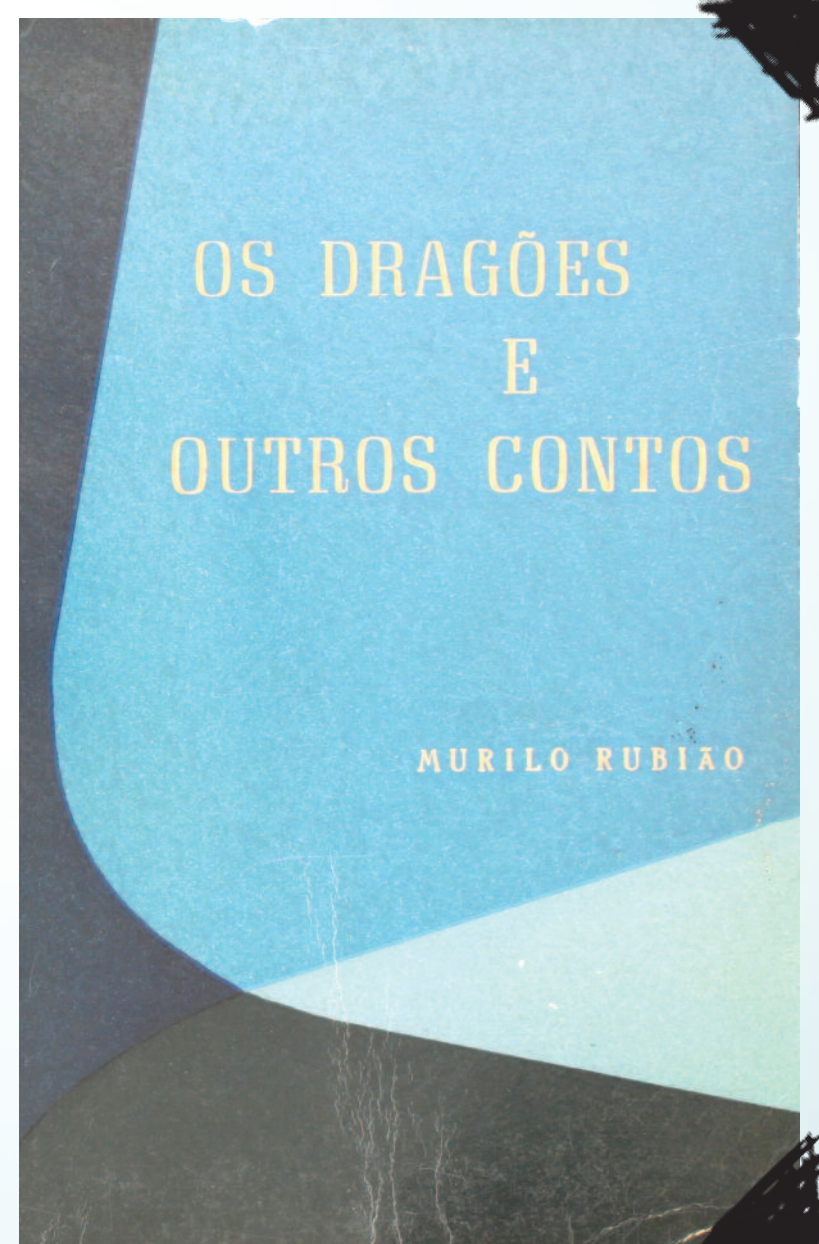
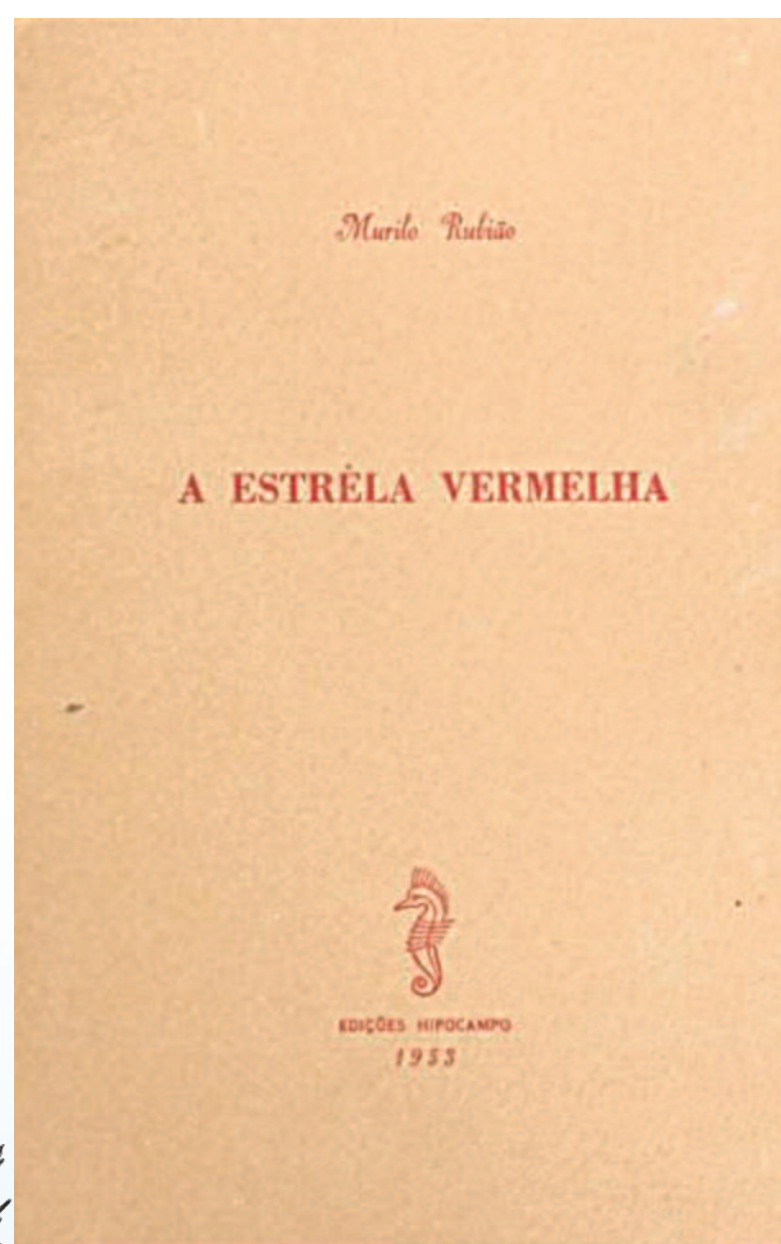
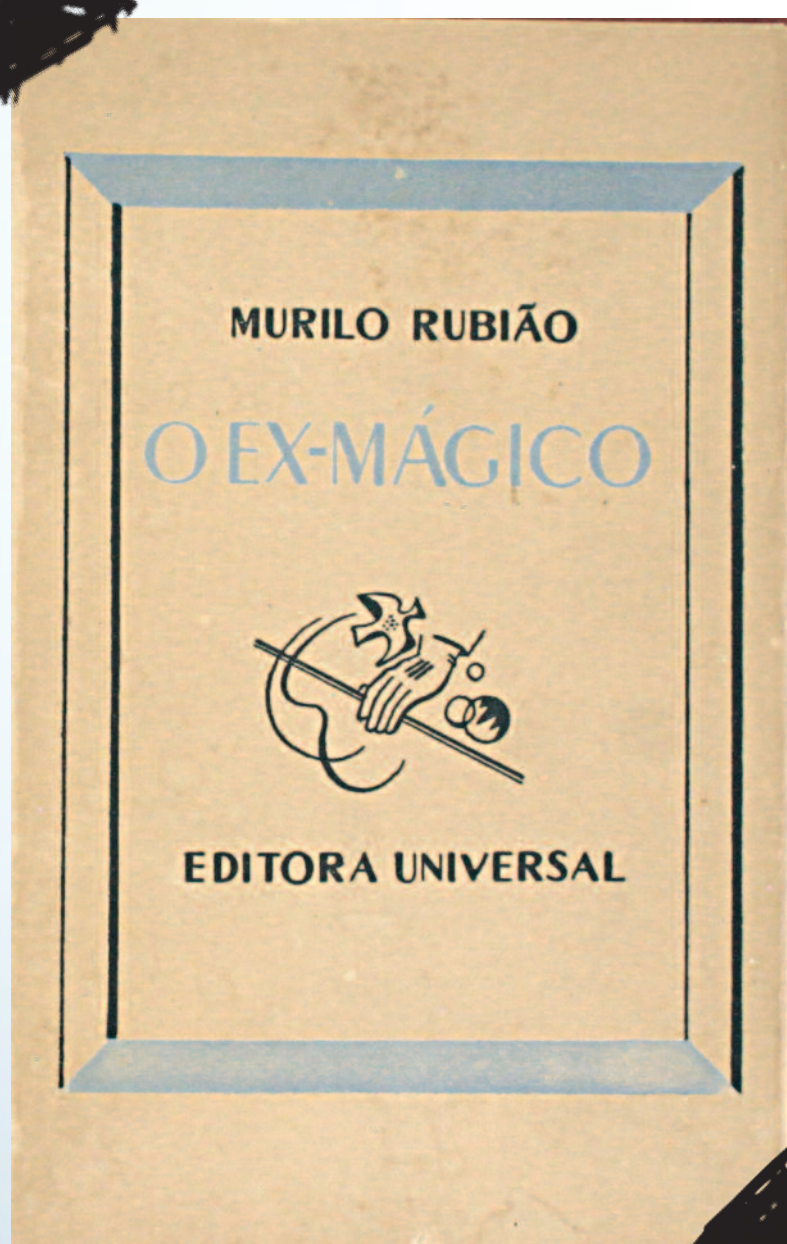


Murilo Rubião Contista

“Ler muito, escrever muito e rasgar o máximo”. Essa era a receita de Murilo Rubião para ser um bom escritor. Autor de 33 textos gramaticalmente enxutos, que se contrastam ao teor fantasioso dos acontecimentos, Rubião optou pelo gênero conto devido à sua necessidade de síntese. Outra característica de suas narrativas é a visualidade, pois em seus contos se destacam a força sugestiva das imagens utilizadas para construir cenários, personagens e os acontecimentos das narrativas.



Murilo Rubião em sua residência. BH, Abril de 1978.



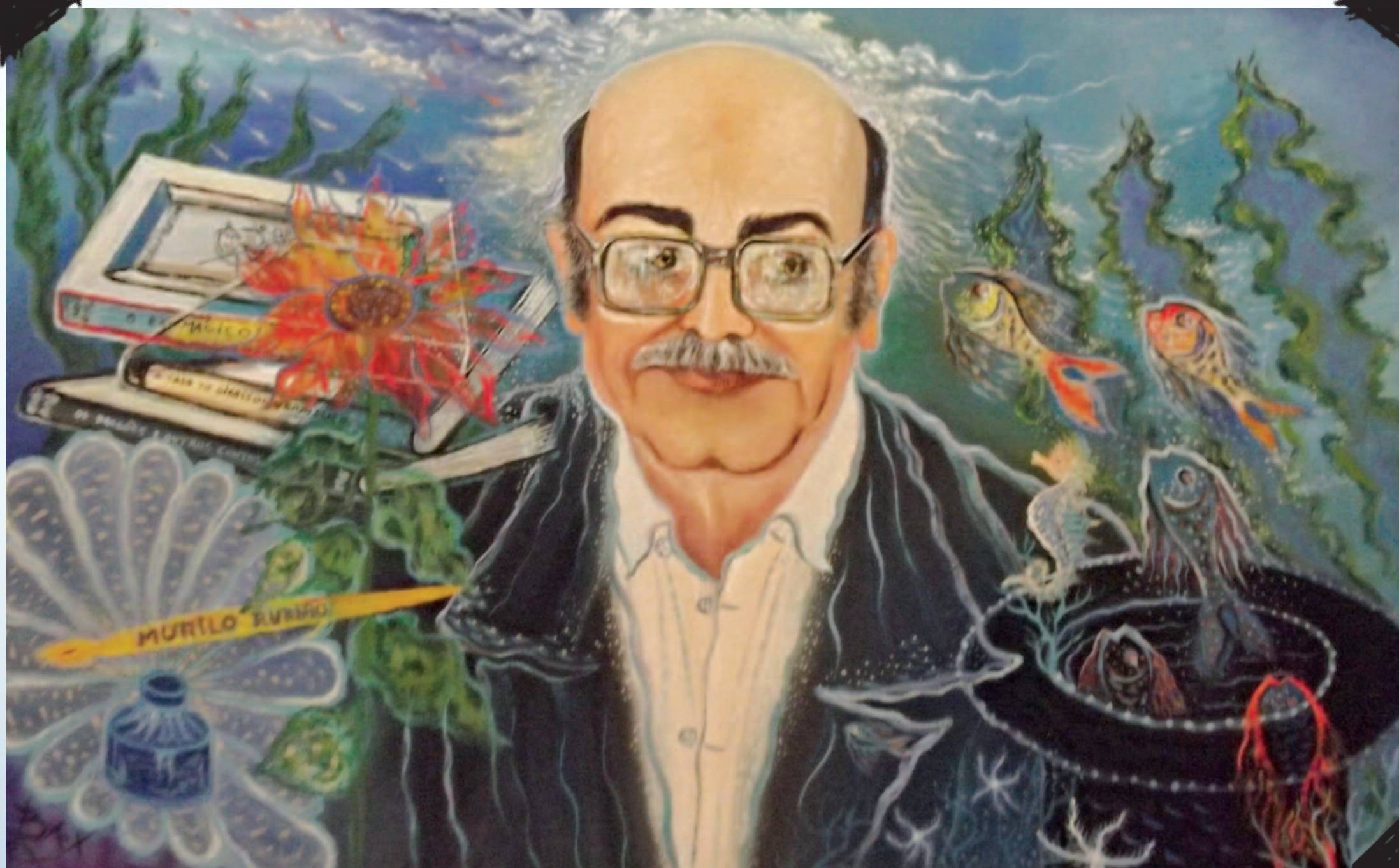
Capas das primeiras edições dos três primeiros livros de Murilo Rubião



Temas rubianos: imaginar mundos possíveis

Apesar de recorrer ao fantástico, a ficção rubiana trata de temas antigos e sempre atuais: amor, burocracia, egoísmo, falta de esperança, infelicidade, solidão, tédio, além da tentativa de todas as pessoas de se adaptarem à sociedade em que vivem. Com isso, vê-se que o mundo fantástico de Rubião não deixa de se conectar com nossa realidade – pelo contrário, a diferença é que, no universo rubiano, homens e seres fantásticos convivem naturalmente.

Ao trabalhar esses temas, Rubião tenta remeter o leitor aos conflitos comuns a todas as pessoas, mas também às questões presentes na realidade – como a incapacidade de comunicação e a falta de solidariedade com o próximo. Como já foi dito anteriormente, o recurso ao fantástico visa a fazer com que o leitor questione a realidade em que vive, de modo a pensar como tornar habitável um mundo tornado impróprio a e por nós mesmos. A solução? Imaginar outras realidades possíveis.



Retrato de Murilo Rubião feito por Petrônio Bax, 1985.

5

Pirotecnias: Murilo Rubião, 100 anos



O processo criativo, a reescrita permanente

Preocupado com a clareza de seus textos, Murilo Rubião reescrevia-os constantemente. Na busca pela palavra e pela imagem exatas, o escritor modificava títulos, excluía parágrafos inteiros e alterava o final das narrativas. Desse zelo com a escrita, resultaram inúmeras versões e rascunhos de cada conto. Como disse em uma entrevista, “na hora de escrever, estou sempre reescrevendo, sempre refazendo, sempre corrigindo. Não estou nunca satisfeito”. Por isso, diz-se que Rubião mais reescreveu e republicou do que escreveu.

Nota descrever meu conteúdo - reescrever
do de bravo-se

29

curta a minha paciência, utilizava-se do meu aparelho de barbear, da minha escova de dentes. Pouco adiantou comprar-lhe esses objetos, pois insistia em usar indiscriminadamente os meus e os dele. Se me queixava eu me enfurecia, desculpava-se dizendo-se distraído.

Por outro lado, a sua figura tãõca não provocava nenhuma simpatia. A pele era gordurosa, os membros ~~curtos~~, a alma falsa. Fazia o máximo para me ser agradável, ora contando-me anedotas sem sabor, ora se desmedindo em elogios à minha pessoa. Era-me difícil tolerar as suas mentiras e principalmente a sua presença às refeições, pois comia ruidosamente, enchendo a bõca de comida com auxílio das mãos.

Mas eu cujo temperamento não era dos melhores tudo aceitava, aparentando uma humildade que jamais possuía. Talvez por ter-me abandonado aos encantos de Tereza, ou simplesmente para lhe ser gentil, o certo é que aturava sem grandes protestos a incõmoda companhia de Barbosa.

Tereza, por sua vez, aos poucos me levava ao desespero. Se eu lhe perguntava, pondo nos lábios tãõca a ternura de que era capaz, se não era uma idõia tola a de Teleco em dizer-se homem, ela me respondia com uma convicção desconcertante:

- Ele não se chama Teleco e é um homem.

Eu ficava confuso, sem atinar com a razão por que Tereza participava daquela comédia e tinha a esperança de que, com o tempo, se cansassem os dois do papel que representavam para mim.

Assim não aconteceu. Certamente percebendo o meu interesse por ela ou confundindo a tolerância com que o tratava como uma possível tibieza, Teleco piorou. Sorria mordazmente quando eu o recorria por vê-lo vestido com as minhas roupas, fumando dos meus cigarros ou subtraindo dinheiro da minha carteira.

5-8-65

Teleco, o Coelhozinho

(para crianças)

(Toda a história - transformando em uma história mais simples, retirando partes)

6 coelinhos saíam a qualquer hora. Um dia quis ser homem e virou um coelho que vestia e usava um coelho homem, mas era coelho.

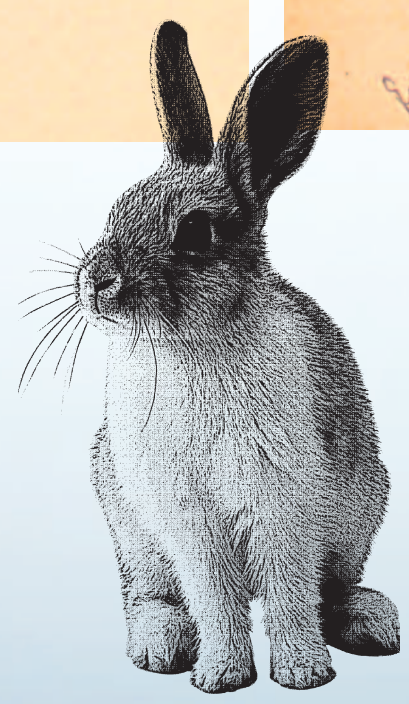
Seu pai era um coelho, mas seu pai dele era um coelho que era um coelho. Como é de sustentar a família.

Transformando em coelho. A mãe era um coelho e a mãe era um coelho. Teleco o coelho coelho mudou-se um dia. Mas não, mais como homem. E ele não muito porque não queria. Mas não, nem coelho coelho.

Se com o fumo da boca. Então procure uma foto e depois que quiser fazer de um coelho. E a foto de um coelho, mas não de um coelho. Só de um coelho.

Original de uma das versões de "Teleco, o coelho"

Manuscrito do conto "Teleco, o coelho" para crianças



6

Pirotecnias: Murilo Rubião, 100 anos

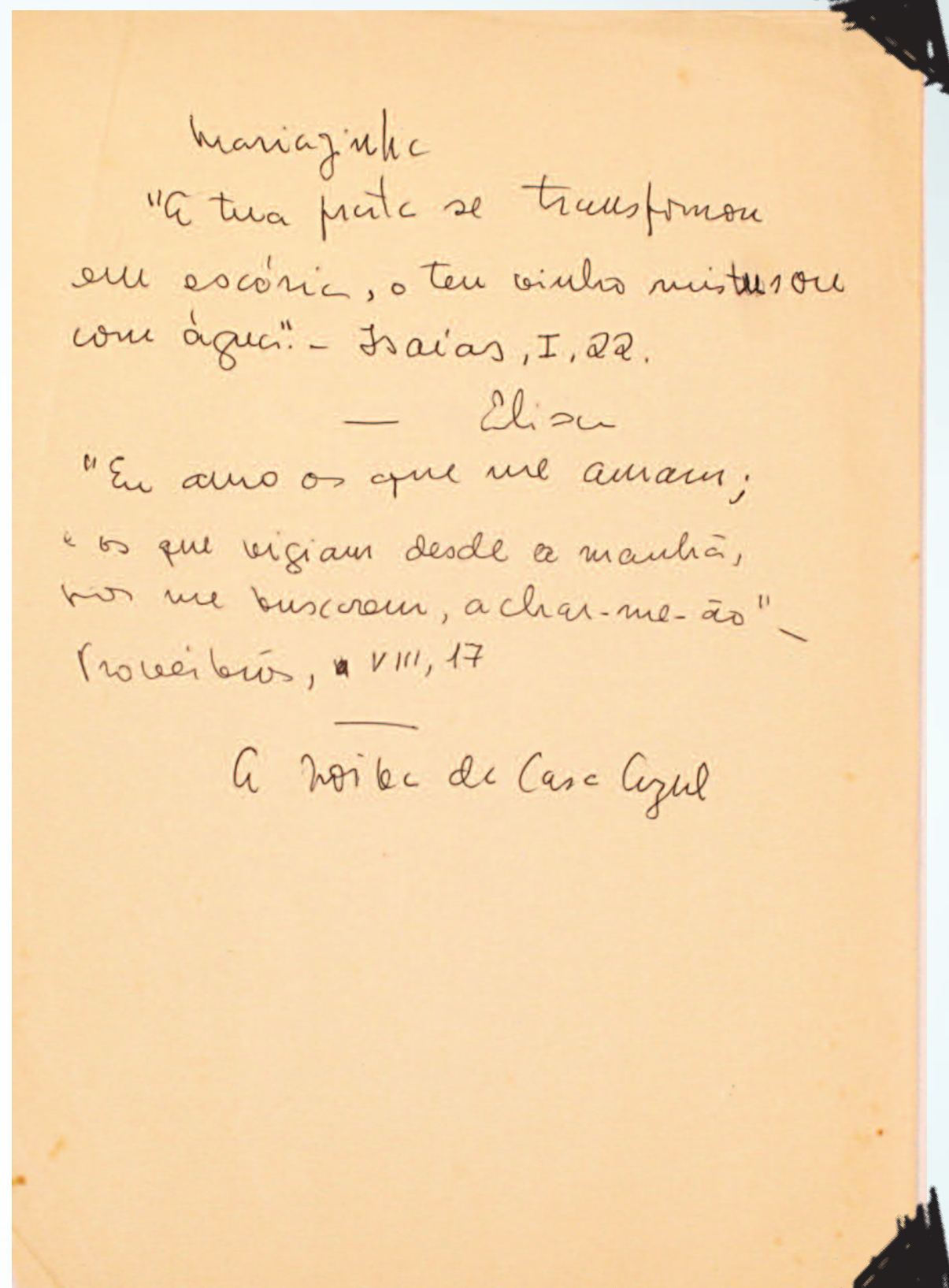


As epígrafes bíblicas

Um dos aspectos da obra de Murilo Rubião é o uso, em todos os seus contos, de epígrafes da Bíblia extraídas do Velho e do Novo Testamento. Esses pequenos textos têm por função apontar, de maneira sintética e simbólica, para os grandes temas a serem lidos. É interessante perceber que o contista não as usa por seu sentido religioso, mas como chaves de leitura ou como ampliação do sentido das narrativas. Por esse motivo, recomenda-se a releitura das epígrafes após a leitura de cada conto.



Exemplar da Bíblia pertencente a Murilo Rubião, contendo anotações e marcações de trechos utilizados como epígrafes.



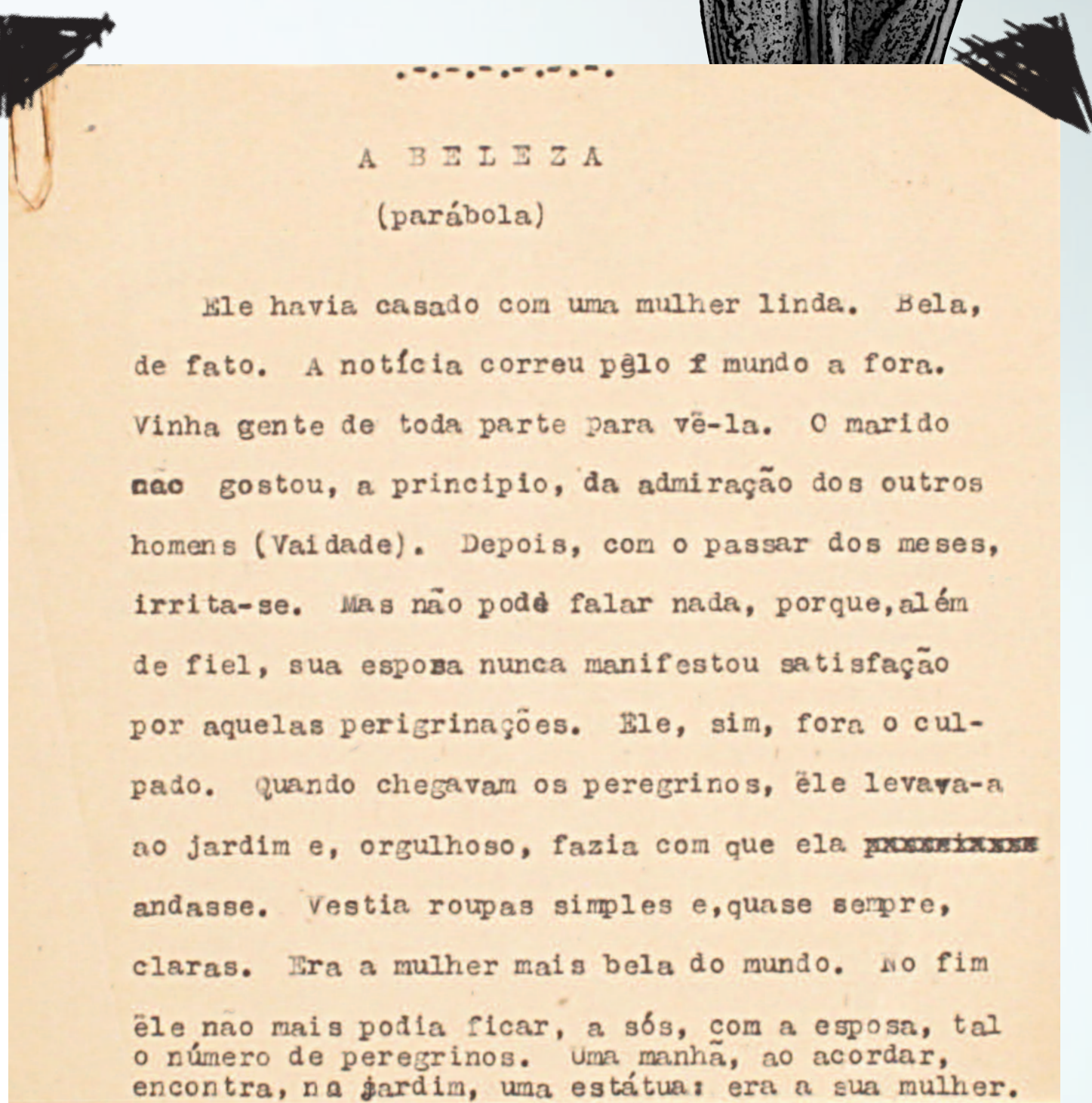
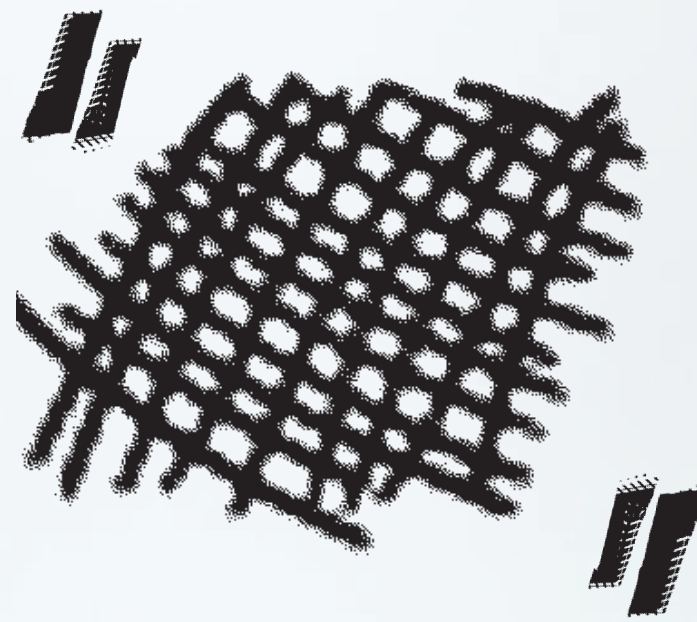
Manuscrito contendo trechos bíblicos utilizados como epígrafes dos contos "Mariazinha" e "A noiva da Casa Azul".



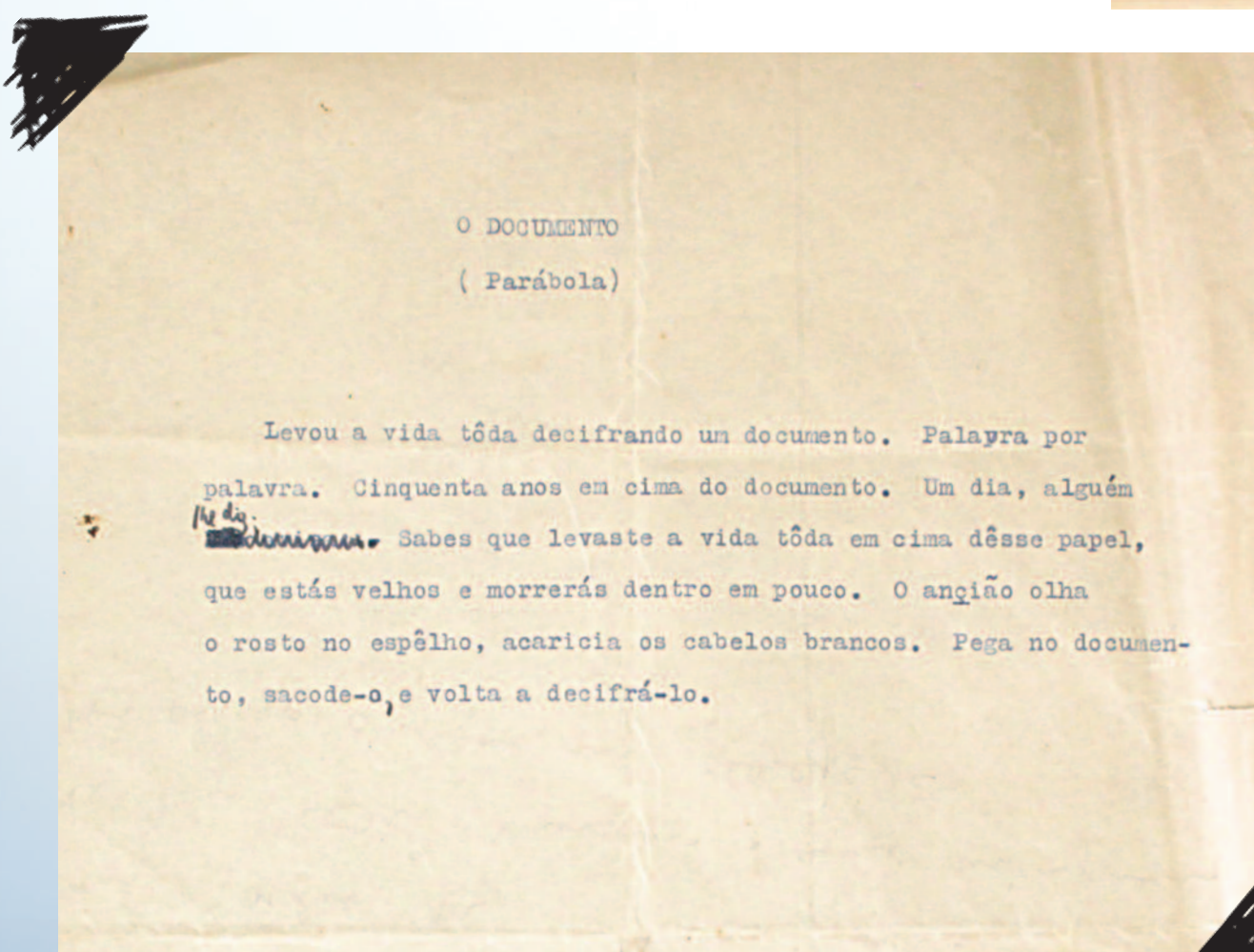
As parábolas

Apesar de se dizer agnóstico, Murilo Rubião relia a Bíblia com frequência. Fato pouco conhecido é de que Rubião também escreveu parábolas. Mas que explicações se podem propor para tal gesto? Qual seria a ideia dessa aproximação entre passado mítico e presente histórico?

Seriam as narrativas de Rubião parábolas céticas do mundo contemporâneo?



Datiloscrito original da parábola "A beleza"

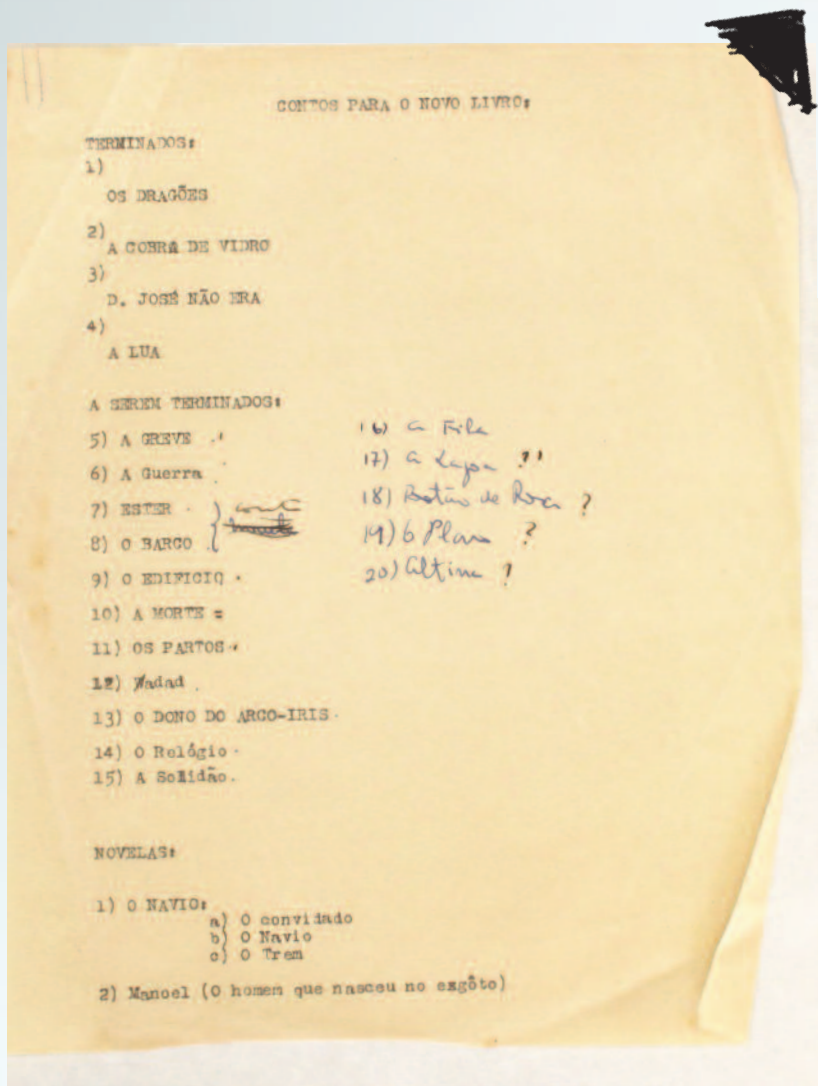


Datiloscrito original da parábola "O documento", localizado no arquivo de Murilo Rubião.



Murilo Rubião, novelista - textos inacabados

Nas várias entrevistas concedidas, Murilo Rubião mencionava a elaboração de novelas. Lamentavelmente, todas permaneceram inacabadas. Nesta seção, encontram-se manuscritos de "O Navio" e "Manoel, o nascido do esgoto".



DAR PRIORIDADE AO NAVIO

NOTAS (OURO PRETO, 22 e 23 de junho 67)

O libertino, tão logo chega ao navio, pergunta os passageiros dançam à noite.
se ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

Como o comandante diz que não tem orquestra, ele indaga se, ao menos, existe uma ~~in~~ eletrola.
"Porque não entendo uma viagem sem muita música, mulheres ~~benitas~~ e muita dança".

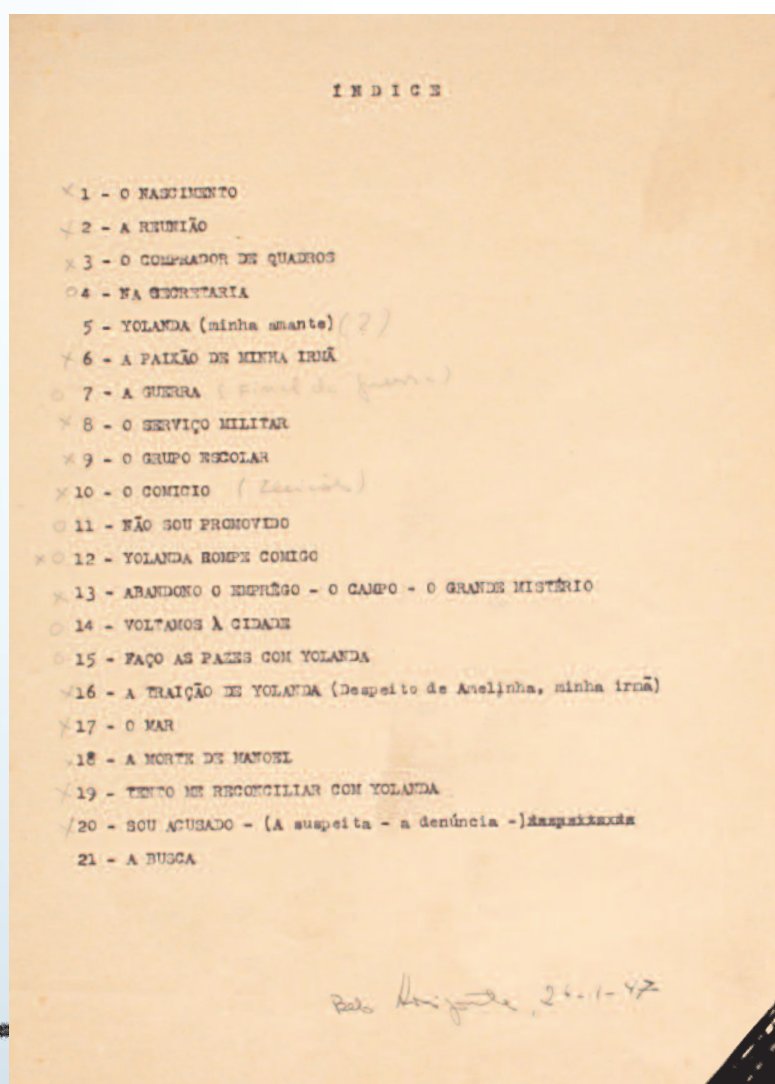
Inexiste eletrola
-X-X-X-X

Mais tarde, quando vive confinado na beliche, Adelfo lembra-se da festa ("O convidado"), onde estava Clímene (mulher do libertino) e havia música. Nunca se detersa muito em ouvir música, por que não ouvira ~~XXXX~~ muito? - lembrava-se do libertino, à chegada, perguntando pela ~~XX~~ orquestra e a resposta negativa do comandante.

- Sim, Orpila, por que não ~~xi~~ há música nesse navio, (também na festa (O Convidado) havia muita bebida) e as bebidas não aguecem, não embriagam. Por que Acidália não possui sexo? Por que mataram o meu peixe azul e não me dão acesso ao salão, onde existe outro para contemplação dos outros?

Por que mas me facilitam com calandris, nem vou me deij em que ano estamos?

Página à esquerda: relação de contos a integrar o novo livro, elaborada após lançamento de O ex-mágico (1947). Na lista constam títulos de duas novelas, sendo que "O convidado", posteriormente publicado como conto, aparece como uma das partes de "O navio".



SERVICO PUBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

LEIPIA

Passar para 3ª pessoa.

I

Ben-sei que casinha feliz. Daí, porém, a assoviar desfinalmente e ensinar desconhecidas passas de dança, fel ceusa que surpreendi a gravidade dos meus quaranta anos. Mas a sessão da rua drugada e a espontânea alegria que me deninava, empurraram para e lig de a sanatare. E se ver, ben me omote da rua, uma tampa de esgôto a dar pulhinhas, como se quisesse imitar as movimentas de meu corpe, concluf, enfaticamente, que a minha satisfação contaminara o ambiente.

Retrocedi alguns passos, bastante divertido com aquela imprevista solidariedade. Logo, porém, o fato perdeu para mim a sua primitiva jocosidade. A hipótese, que apressadamente formulara, atribuindo os movimentos da pesada tampa de ferro a um possível transporamento água, era pouco convincente. Tive a impressão de que eles representavam o esforço de alguém que, lá de dentro, se debatia violentamente para fugir a uma improvisada prisão. O meu primeiro impeto foi o de socorrer o prisioneiro. Todavia, estaquei indeciso. Amedrontara-me à idéia de que pudesse emergir do interior do orifício um gigantesco rato ou qualquer outro agressivo animal. E se fosse um homem? Um pobre empregado da Municipalidade, encarregado de limpar o esgôto e que alguém, por brincadeira ou maldade, o tivesse enocerrado no bueiro (?), aproveitando-se um descuido dele, quando mais atento se concentrava ao trabalho (à tarefa)?

Olvidando as minhas suspeitas anteriores, resolvi auxiliar quem quer que se encontrasse lá. A custo, puxei a tampa e fi aflorar, através a cavidade, uma cabeça loura, depois uns braços musculosos. Ajudei sair o rapaz que, apesar de sujo e mal cheiroso, sorria, abrindo desmesuradamente os olhos, como se admirasse de ver o céu tão cheio de estrélas.

Antes de lhe perguntar quem era e porque se encontrava encerrado naquele lugar, quis que ele participasse do meu contentamento e lhe fui contando que acabara de conquistar Yolanda, a mais bela

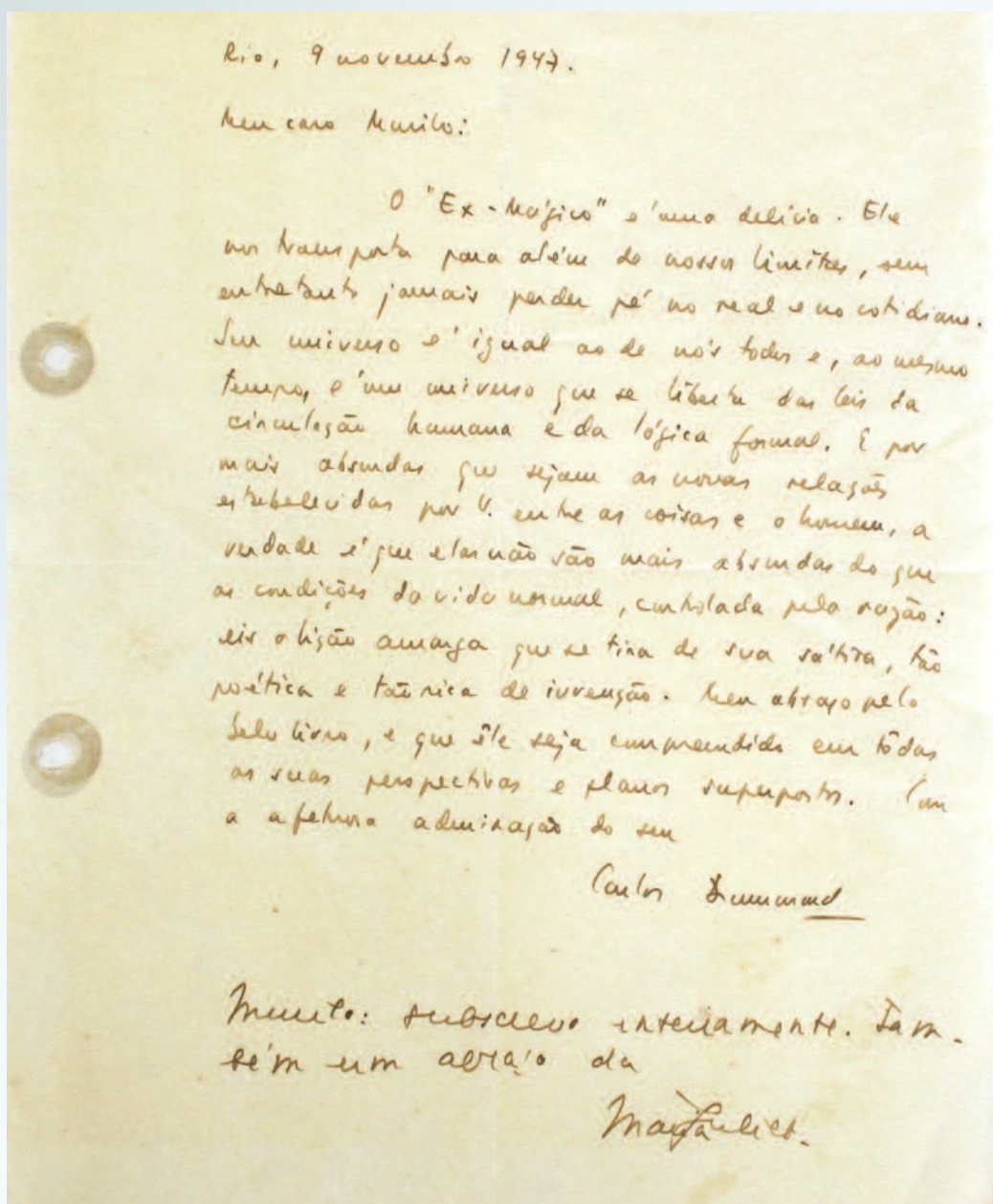
Primeiro capítulo de "Manoel, o nascido do esgoto". Na margem superior direita, há anotação manuscrita, na qual se lê "Passar para 3ª pessoa".

Índice dos capítulos de "Manoel, o nascido do esgoto", elaborado em 26/01/1947.



Cartas Circulares/Rede de correspondência

Carta, palavra ambígua, é tanto mensagem como mapa. Se escrever cartas é uma forma de puxar conversa, traçar mapas sugere criar percursos de exploração. Ao lermos correspondências, é como se cada uma das linhas no papel desenhasse, ao mesmo tempo, o rosto do remetente e do destinatário. Barcos de papel e lugares em movimento, as cartas de Murilo Rubião e de seus amigos são, também, sereias – vozes sedutoras que convidam a novas rotas de leitura.

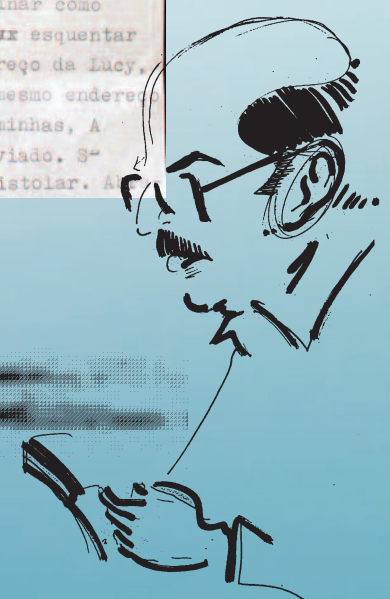
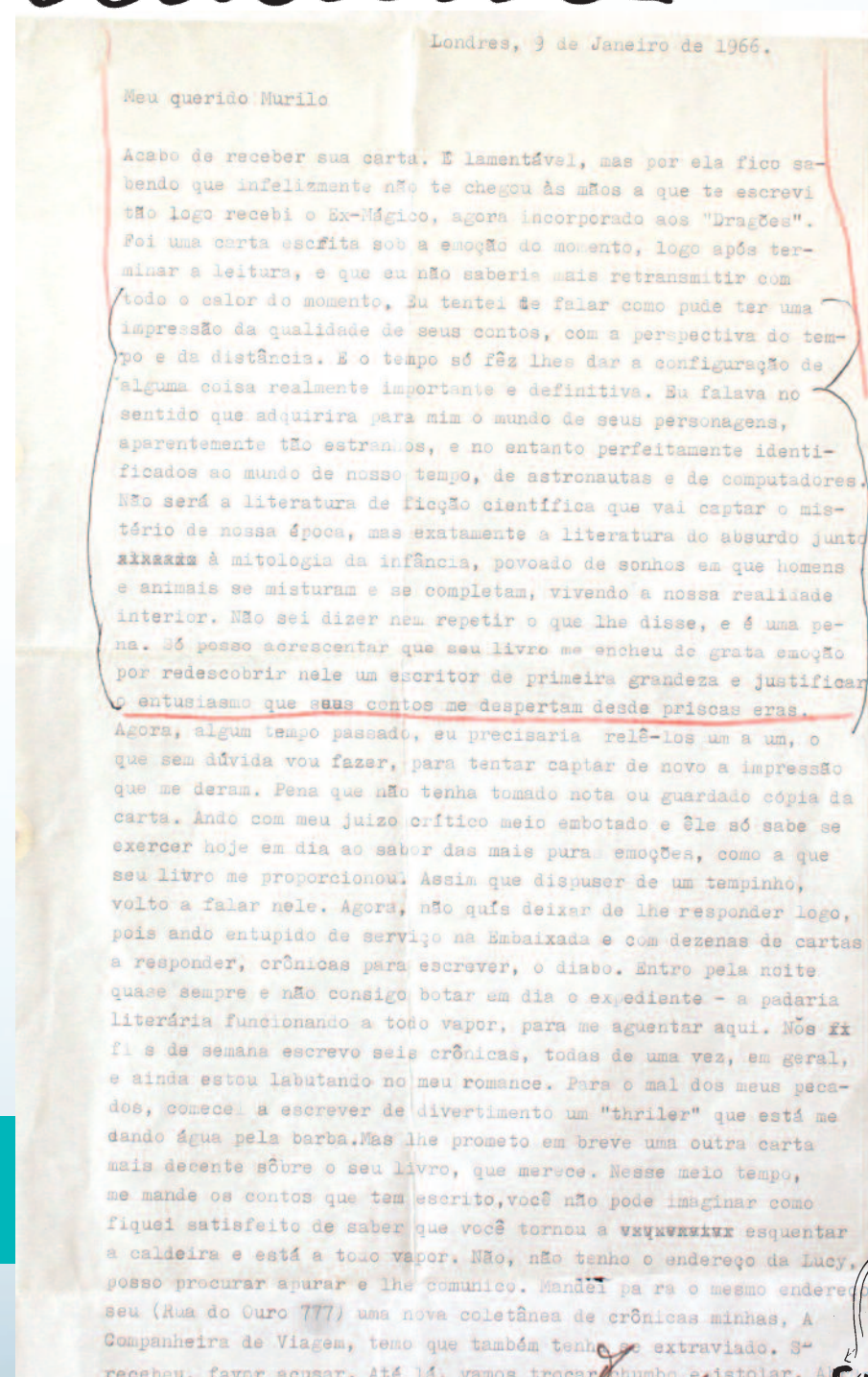


O Ex-Mágico é uma delícia! Ele nos transporta para além de nossos limites, sem entretanto jamais perder pé no real e no cotidiano. Seu universo é igual ao de nós todos e, ao mesmo tempo, é um universo que se liberta das leis da circulação humana e da lógica formal. E por mais absurdas que sejam as novas relações estabelecidas por você entre as coisas e o homem, a verdade é que elas não são mais absurdas do que as condições de vida normal...

Carlos Drummond de Andrade, carta enviada a Murilo Rubião; Rio de Janeiro, 09/11/1947.

Não será a literatura de ficção científica que vai captar o mistério de nossa época, mas exatamente a literatura do absurdo junto à mitologia da infância, povoado de sonhos em que os homens e animais se misturam e se completam, vivendo a nossa realidade interior. Não sei dizer nem repetir o que lhe disse, e é uma pena. Só posso acrescentar que seu livro me encheu de grata emoção por justificar o entusiasmo que seus contos me despertam.

Fernando Sabino, carta enviada a Murilo Rubião; Londres, 09/01/1966.



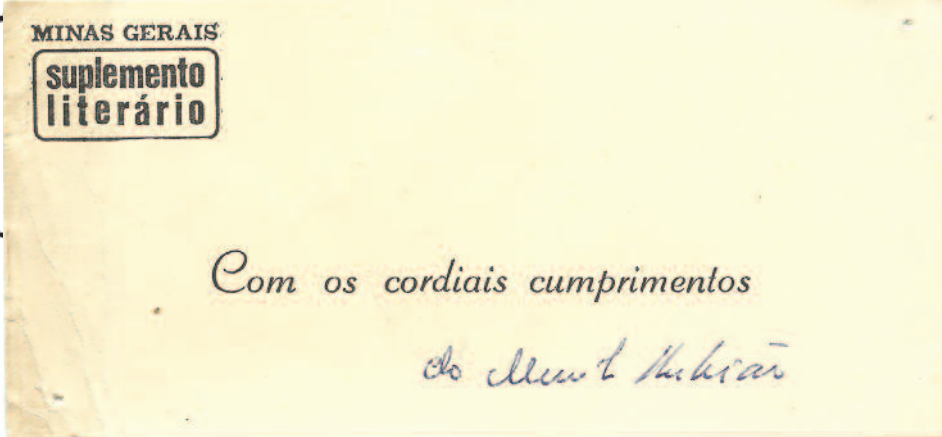
Suplemento Literário

Murilo Rubião definiu a criação do *Suplemento Literário do Minas Gerais* como a "oportunidade para realizar uma velha ambição": elaborar um espaço para a literatura e outras artes, propiciando a interlocução entre novidade e tradição, artistas e escritores jovens e renomados. Durante seus 50 anos de existência, o *Suplemento* permanece como um dos melhores órgãos da imprensa cultural do Brasil, sendo reconhecido internacionalmente.



Convite para lançamento da 1ª edição do Suplemento Literário

Cartão com assinatura de Murilo Rubião



Da esquerda para a direita: Affonso Ávila, Ildeu Brandão, Décio Pignatari e Murilo Rubião na redação do Suplemento Literário. BH, Maio de 1968.



O ex-mágico

*Inclina, Senhor, o teu ouvido, e ouve-me;
porque eu sou desvalido e pobre.*
(Salmos, LXXXV, I)

// Hoje sou funcionário público e este não é o meu desconsolo maior.

Na verdade, eu não estava preparado para o sofrimento. Todo homem, ao atingir certa idade, pode perfeitamente enfrentar a avalanche do tédio e da amargura, pois desde a meninice acostumou-se às vicissitudes, através de um processo lento e gradativo de dissabores.

Tal não aconteceu comigo. Fui atirado à vida sem pais, infância ou juventude.

Um dia dei com os meus cabelos ligeiramente grisalhos, no espelho da Taberna Minhota. A descoberta não me espantou e tampouco me surpreendi ao retirar do bolso o dono do restaurante. Ele sim, perplexo, me perguntou como podia ter feito aquilo.

O que poderia responder, nessa situação, uma pessoa que não encontrava a menor explicação para sua presença no mundo? Disse-lhe que estava cansado. Nascera cansado e entediado.

Sem meditar na resposta, ou fazer outras perguntas, ofereceu-me emprego e passei daquele momento em diante a divertir a freguesia da casa com os meus passes mágicos.

O homem, entretanto, não gostou da minha prática de oferecer aos espectadores almoços gratuitos, que eu extraía misteriosamente de dentro do paletó. Considerando não ser dos melhores negócios aumentar o número de fregueses sem o conseqüente acréscimo nos lucros, apresentou-me ao empresário do Circo-Parque Andaluz, que, posto a par das minhas habilidades, propôs contratar-me.

[...]

A plateia, em geral, me recebia com frieza, talvez por não me exhibir de casaca e cartola. Mas quando, sem querer, começava a extrair do chapéu coelhos, cobras, lagartos, os assistentes vibravam. Sobretudo no último número, em que eu fazia surgir, por entre os dedos, um jacaré. Em seguida, comprimindo o animal pelas extremidades, transformava-o numa sanfona. E encerrava o espetáculo tocando o Hino Nacional da Cochinchina. Os aplausos estrugiam de todos os lados, sob o meu olhar distante.

[...] //



12

Pirotecnias: Murilo Rubião, 100 anos



Teleco, o coelhinho

Três coisas me são difíceis de entender, e uma quarta eu a ignoro completamente: o caminho da águia no ar, o caminho da cobra sobre a pedra, o caminho da nau no meio do mar, e o caminho do homem na sua mocidade.

(Provérbios, XXX, 18 e 19)

// – Moço, me dá um cigarro?

A voz era sumida, quase um sussurro. Permaneci na mesma posição em que me encontrava, frente ao mar, absorvido com ridículas lembranças.

O importuno pedinte insistia:

– Moço, oh! Moço! Moço me dá um cigarro?

Ainda com os olhos fixos na praia, resmunguei:

– Vá embora, moleque, senão chamo a polícia.

– Está bem, moço. Não se zangue. E, por favor, saia da minha frente, que eu também gosto de ver o mar.

Exasperou-me a insolência de quem assim me tratava e virei-me, disposto a escorraçá-lo com um pontapé. Fui desarmado, entretanto. Diante de mim estava um coelhinho cinzento, a me interpelar delicadamente:

– Você não dá é porque não tem, não é, moço?

O seu jeito polido de dizer as coisas comoveu-me. Dei-lhe o cigarro e afastei-me para o lado, a fim de que melhor ele visse o oceano. Não fez nenhum gesto de agradecimento, mas já então conversávamos como velhos amigos. Ou, para ser mais exato somente o coelhinho falava. Contava-me acontecimentos extraordinários, aventuras tamanhas que o supus com mais idade do que realmente aparentava.

Ao fim da tarde, indaguei onde ele morava. Disse não ter morada certa. A rua era o seu pouso habitual. Foi nesse momento que reparei nos seus olhos. Olhos mansos e tristes. Deles me apiedei e convidei-o a residir comigo. A casa era grande e morava sozinho - acrescentei.

A explicação não o convenceu. Exigiu-me que revelasse minhas reais intenções:

– Por acaso, o senhor gosta de carne de coelho?

Não esperou pela resposta:

– Se gosta, pode procurar outro, porque a versatilidade é o meu fraco.

Dizendo isto, transformou-se numa girafa.

– À noite – prosseguiu – serei cobra ou pombo. Não lhe importará a companhia de alguém tão instável?

Respondi-lhe que não e fomos morar juntos.

Chamava-se Teleco.

[...] //

13

Pirotecnias: Murilo Rubião, 100 anos



Bárbara

*O homem que se extraviar do caminho da doutrina
terá por morada a assembleia dos gigantes.*

(Provérbios, XXI, 16)

// Bárbara gostava somente de pedir. Pedia e engordava.

[...]

[...]

Muito tarde verifiquei a inutilidade dos meus esforços para modificar o comportamento de Bárbara. Jamais compreenderia o meu amor e engordaria sempre.

Deixei que agisse como bem entendesse e aguardei resignadamente novos pedidos. Seriam os últimos. Já gastara uma fortuna com as suas excentricidades.

Afetuosamente, chegou-se para mim, uma tarde, e me alisou os cabelos. Apanhado de surpresa, não atinei de imediato com o motivo do seu procedimento. Ela mesma se encarregou de mostrar a razão:

– Seria tão feliz se possuísse um navio!

– Mas ficaremos pobres, querida. Não teremos com que comprar alimentos e o garoto morrerá de fome.

– Não importa o garoto, teremos um navio, que é a coisa mais bonita do mundo.

Irritado, não pude achar graça nas suas palavras. Como poderia saber da beleza de um barco, se nunca tinha visto um e se conhecia o mar somente através de uma garrafa?!

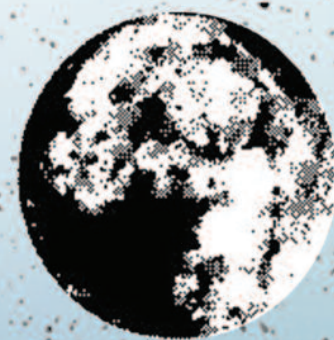
Contive a raiva e novamente embarquei para o litoral. Dentre os transatlânticos ancorados no porto, escolhi o maior. Mandei que o desmontassem e o fiz transportar à nossa cidade.

[...]

Vi Bárbara, uma noite, olhando fixamente o céu. Quando descobri que dirigia os olhos para a lua, larguei o garoto no chão e subi depressa até o lugar em que ela se encontrava. Procurei, com os melhores argumentos, desviar-lhe a atenção. Em seguida, percebendo a inutilidade das minhas palavras, tentei puxá-la pelos braços. Também não adiantou. O seu corpo era pesado demais para que eu conseguisse arrastá-lo.

Desorientado, sem saber como proceder, encostei-me à amurada. Não lhe vira antes tão grave o rosto, tão fixo o olhar. Aquele seria o derradeiro pedido. Esperei que o fizesse. Ninguém mais a conteria.

Mas, ao cabo de alguns minutos, respirei aliviado. Não pediu a lua, porém uma minúscula estrela, quase invisível a seu lado. Fui buscá-la. //



O edifício

Chegará o dia em que os teus pardieiros se transformarão em edifícios; naquele dia ficarás fora da lei.

(Miquéias, VII, 11)

// 1. A LENDA

Ao engenheiro responsável, recém-contratado, nada falaram das finalidades do prédio. Finalidades, aliás, que pouco interessavam a João Gaspar, orgulhoso como se encontrava de, no início da carreira, dirigir a construção do maior arranha-céu de que se tinha notícia. Ouviu atentamente as instruções dos conselheiros, cujas barbas brancas, terminadas em ponta, lhes emprestavam aspecto de severa pertinácia.

[...] Competia-lhe, ainda, evitar quaisquer motivos de desarmonia entre os empregados. Essa diretriz, conforme lhe acentuaram, destinava-se a cumprir importante determinação dos falecidos idealizadores do projeto e anular a lenda corrente de que sobreviveria irremovível confusão no meio dos obreiros ao se atingir o octingentésimo andar do edifício e, conseqüentemente, o malogro definitivo do empreendimento.

— Nesta construção não há lugar para os pretensiosos. Não pense em terminá-la, João Gaspar. Você morrerá bem antes disso. Nós que aqui estamos constituímos o terceiro Conselho da entidade e, como os anteriores, jamais alimentamos a vaidade de sermos o último.

3. A COMISSÃO

João Gaspar era meticuloso e detestava improvisações. Antes de encher-se a primeira forma de concreto, instituiu uma comissão de controle para fiscalizar o pessoal, organizar tabelas de salários e elaborar um boletim destinado a registrar as ocorrências do dia.

[...]

De cinquenta em cinquenta andares, João Gaspar oferecia uma festa aos empregados. Fazia um discurso. Envelhecia.

4. O BAILE

Inquietante expectativa marcou a aproximação do 800º pavimento. Redobram-se os cuidados, triplicou-se o número de membros da Comissão de Controle, cuja atividade se tornara incessante, superando dificuldades, aplainando divergências. Deliberadamente, adiou-se o baile que se realizava ao termo de cada cinquenta pisos concluídos.

Afinal, dissiparam-se as preocupações. Havia chegado sem embaraços ao octingentésimo andar. O acontecimento foi comemorado com uma festa maior que as precedentes.

Pela madrugada, porém, o álcool ingerido em demasia e um incidente de pequena importância provocaram um conflito de incrível violência. Homens e mulheres, indiscriminadamente, se atracaram com ferocidade, transformando o salão num amontoado de destroços. [...] De modo inesperado, cumprira-se a antiga predição.

[...] //

15

Pirotecnias: Murilo Rubião, 100 anos



Alfredo

*Esta é a geração dos que o buscam,
dos que buscam a face do Deus de Jacó.
(Salmos, XXIII, 6)*

// [...]

Alfredo pediu-me que descansássemos um pouco. Sentou-se sobre as pernas e deixou que eu lhe acariciasse a cabeça.

Também ele caminhara muito e inutilmente. Porém, na sua fuga, fora demasiado longe, tentando isolar-se, escapar aos homens, ao passo que eu apenas buscara no vale uma serenidade impossível de ser encontrada.

De início, Alfredo pensou que a solução seria transformar-se num porco, convencido da impossibilidade de conviver com seus semelhantes, a se entredevorarem no ódio. Tentou apaziguá-los e voltaram-se contra ele.

Transformado em porco, perdeu o sossego. Levava o tempo fossando o chão lamacento. E ainda tinha que lutar com os companheiros, sem que, para isso, houvesse um motivo relevante.

Imaginou, então, que fundir-se numa nuvem é que resolvia. Resolvia o quê? Tinha que resolver algo. Foi nesse instante que lhe ocorreu transmudar-se no verbo resolver.

E o porco se fez verbo. Um pequenino verbo, inconjugável.

Entretanto, o verbo resolver é, obviamente, a solução dos problemas, o remédio dos males. Nessa condição, não teve descanso, resolvendo assuntos, deixando de solucionar a maioria deles. Mas, quando lhe pediram que desse um jeito em mais uma briga familiar, recusou-se:

– Isso é que não!

E transformou-se em dromedário, esperando que beber água o resto da vida seria um ofício menos extenuante.

A madrugada ainda nos encontrou no alto da serra. Espiei pela última vez o povoado, sob a névoa da garoa que caía. Perdera mais uma jornada ao procurar nas montanhas refúgio contra as náuseas do passado. De novo, teria que peregrinar por terras estranhas. Atravessaria outras cordilheiras, azuis como todas elas. Alcançaria vales e planícies, ouvindo rolar as pedras, sentindo o frio das manhãs sem sol. E agora sem a esperança de um paradeiro.

Alfredo, enternecido com a melancolia que machucava os meus olhos, passou de leve na minha face a sua áspera língua. Levantando-me, puxei-o pela corda e fomos descendo lentamente a serra.

Sim. Cansado eu vim, cansado eu volto. //

15

Pirotecnias: Murilo Rubião, 100 anos



O pirotécnico Zacarias



E se levantará pela tarde sobre ti uma luz como a do meio-dia; e quando te julgares consumido, nascerás como a estrela-d'alva.

(Jó, XI, 17)

// Raras são as vezes que, nas conversas de amigos meus, ou de pessoas das minhas relações, não surja esta pergunta. Teria morrido o pirotécnico Zacarias?
[...]

Uma coisa ninguém discute: se Zacarias morreu, o seu corpo não foi enterrado.

A única pessoa que poderia dar informações certas sobre o assunto sou eu. Porém estou impedido de fazê-lo porque os meus companheiros fogem de mim, tão logo me avistam pela frente. Quando apanhados de surpresa, ficam estarecidos e não conseguem articular uma palavra.

Em verdade morri, o que vem ao encontro da versão dos que creem na minha morte. Por outro lado, também não estou morto, pois faço tudo o que antes fazia e, devo dizer, com mais agrado do que anteriormente.

[...]

[...]

Por muito tempo se prolongou em mim o desequilíbrio entre o mundo exterior e os meus olhos, que não se acomodavam ao colorido das paisagens estendidas na minha frente. Havia ainda o medo que sentia, desde aquela madrugada, quando constatei que a morte penetrara no meu corpo.

Não fosse o ceticismo dos homens, recusando-se aceitar-me vivo ou morto, eu poderia abrigar a ambição de construir uma nova existência.

[...]

No passar dos meses, tornou-se menos intenso o meu sofrimento e menor a minha frustração ante a dificuldade de convencer os amigos de que o Zacarias que anda pelas ruas da cidade é o mesmo artista pirotécnico de outros tempos, com a diferença de que aquele era vivo e este, um defunto.

Só um pensamento me oprime: que acontecimentos o destino reservará a um morto se os vivos respiram uma vida agonizante? E a minha angústia cresce ao sentir, na sua plenitude, que a minha capacidade de amar, discernir as coisas, é bem superior à dos seres que por mim passam assustados. //

15

Pirotecnias: Murilo Rubião, 100 anos



Pirotecnias: Murilo Rubião, 100 anos

Curadoria: Cleber Araújo Cabral

Ficha técnica



FERNANDO DAMATA PIMENTEL

Governador do Estado de Minas Gerais

ANTÔNIO ANDRADE

Vice-Governador

ANGELO OSWALDO DE ARAÚJO SANTOS

Secretário de Estado de Cultura

JOÃO BATISTA MIGUEL

Secretário de Estado Adjunto de Cultura

LUCAS GUIMARAENS DE ARAÚJO RIBEIRO

Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário

CLEIDE A. FERNANDES

Diretora do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Municipais

Equipe do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Municipais

Aparecida do Carmo

Ericka Fantauzzi

Nathalia Leonie

Silvania Alves

Vânia Macedo

Revisão

Cleber Araújo Cabral e Flávia Figueirêdo

Designer Gráfico

Clério Ramos